

## **As relações e influências da elite ibérica na circulação e trajetória dos militares na capitania de Pernambuco e no Atlântico Sul durante os anos de 1630 a 1670.**

**HUGO COELHO VIEIRA\*<sup>1</sup>**

Esta comunicação apresentará parte do Projeto de Pesquisa denominado Entre o lucro, a espada e a coroa: as relações e trajetórias da elite ibérica na circulação dos militares no Atlântico Sul, de 1630 a 1670, aprovado no fim do ano de 2014, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pesquisa busca investigar as relações e influências da “elite ibérica” na circulação de pessoas, especialmente da gente de guerra (dos “militares”) durante a História da Guerra de Pernambuco, período denominado pela historiografia de Brasil Holandês, bem como pesquisar as trajetórias dessa elite no *Post Bellum* e após a restauração portuguesa de 1640, buscando compreender suas relações de interesse com o trato de escravos e o comércio no Atlântico Sul.<sup>2</sup> Portanto, nosso intento pretende estudar as relações da elite portuguesa e espanhola com a mobilidade social dos homens de guerra, os escravos e o comércio em uma perspectiva multifacetada, diante da complexidade que se exige para entender as interações que ocorreram no Mundo Atlântico, suas relações de força e de interesses político.

Desta maneira, pretendemos analisar a influência da elite ibérica na circulação e organização das expedições militares que tinham como objetivo a retomada da capitania de Pernambuco e pesquisar como depois da retomada da capitania pelos portugueses a “elite” recompôs suas trajetórias e continuou interagindo politicamente com as coroas portuguesas e espanholas e com as redes de comércio no Atlântico. O caso de figuras como Duarte de Albuquerque Coelho é interessante para pesquisar o papel desses personagens na circulação de pessoas e da gente de guerra, bem como analisar os interesses políticos e financeiros que existiam por parte da elite no Atlântico Sul. Duarte de Albuquerque Coelho nasceu em 1591,

---

<sup>1</sup> DOUTORANDO EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE), BOLSISTA DA CAPES (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE ENSINO SUPERIOR).

<sup>2</sup> A Guerra de Pernambuco foi o período que a historiografia convencionou chamar de Brasil holandês. Porém, o nome que aparece na documentação da época é Guerra de Pernambuco, tanto na documentação luso-espanhola (Arquivo Histórico Ultramarino e Arquivo de Simancas) quanto na documentação holandesa. Além dessa definição na documentação do período, tem-se também o mesmo termo utilizado pelos cronistas do período, como Diogo Lopes de Santiago e Duarte de Albuquerque Coelho. O termo *Post Bellum* que utilizamos se refere ao período após a Guerra de Pernambuco contra os neerlandeses. Utilizaremos ao longo do trabalho o termo restauração, pois o período a ser investigado compreende a Restauração Pernambucana que culmina em 1654 e a Restauração Portuguesa em de 1640 quando Portugal se “emancipa” da Espanha rompendo com a União Ibérica.

foi o quarto donatário de Pernambuco, tomou posse da Capitania em 2 de julho de 1603, mas só chegou em Pernambuco em 21 de setembro de 1631 para lutar contra a WIC, foi sucessor da linha familiar iniciada pelo avô Duarte Coelho Pereira, mas não ficou do lado português após a Restauração da Independência por D. João IV em 1640.<sup>3</sup> Por outro lado, seu irmão Matias Coelho, além de chefe militar em Pernambuco comandou também as tropas portuguesas no Alentejo travadas contra a Espanha, ficando conhecido pela vitória da batalha no Montijo em 1644. Duarte Coelho influenciou na Guerra de Pernambuco e possuía interesses políticos e comerciais na capitania que perpassavam conexões com o Atlântico Sul, mas enquanto seu irmão ficou ao lado dos portugueses (Matias) ele ficou ao lado dos espanhóis após a ruptura da União Ibérica. Investigar essas trajetórias são importantes para compreender as dinâmicas da elite no Antigo Regime, suas influências no Mundo Atlântico e para a história social de Pernambuco. Duarte Coelho tinha obrigação donatária de defender a capitania e influenciou na circulação de pessoas e na Guerra de Pernambuco, sua trajetória demonstra a estreita relação entre política e guerra. A participação da “elite” na guerra e a interferência na circulação de pessoas ora por questões mais políticas ora por questões mais comerciais.

De acordo com Antoine de Montchrétien, era “impossível fazer guerra sem soldados, sustentá-los sem soldos, pagar os seus soldos sem tributos e criar tributos sem comércio”.<sup>4</sup> Em nosso trabalho partiremos do princípio que a análise histórica deve ser observada de uma maneira conectada, pois não circulavam “só mercadorias, mas também experiências, práticas, crenças e modelos culturais e artísticos”.<sup>5</sup> Quando analisamos as trajetórias e conexões de donatários, condes, comerciantes, soldados e escravos que circularam entre Pernambuco, Espanha, Portugal, África e o Atlântico percebemos a importância de estudar a partir de uma visão articulada como notou Russel-Wood, sabendo que muitas vezes, “o lucro comercial constituiu um poderoso engodo e, nem sempre os funcionários públicos,

---

<sup>3</sup> (COELHO, 1981: 11); (MORAES, 1949: 560). Duarte Coelho e Matias Coelho reclamaram que não contaram com ajuda da coroa espanhola e essa idéia ficou cristalizada na historiografia a exemplo da tese de Evaldo Cabral de Mello que afirma que a guerra foi toda custeada com os recursos locais e com a gente da terra. A vida de Duarte de Albuquerque Coelho depois na Espanha é assunto pouco abordado conforme conversa informal que tive com Fernando Bouza Álvares e Evaldo Cabral de Mello.

<sup>4</sup> Notou isso com sua maturidade historiográfica, Evaldo Cabral de Mello, que na mudança da primeira para a terceira e definitiva edição da publicação de Olinda Restaurada, colocou como epígrafe, para abrir as “portas” de seu livro, a frase é de Antoine de Montchrétien de 1615 e de quem utilizo aqui. (MELLO, 2007).

<sup>5</sup> (SOUZA, 2012: 42) Compartilhamos com o trabalho desenvolvido pelo professor George Cabral e com a perspectiva de trabalhos inovadores como de Luiz Felipe Thomaz e Sanjay Subrahmanyam.

nem soldados, nem mesmo os eclesiásticos ficaram imunes à sua sedução”.<sup>6</sup> Assim, pretendemos lançar nosso olhar para investigar os interesses das elites ibéricas nas guerras brasílicas, em especial na capitania de Pernambuco e suas relações com o Atlântico Sul na mobilidade da gente de guerra.

Por outro lado, pesquisaremos também como a trajetória dessas elites ocorreram com *Post Bellum* na retomada da capitania de Pernambuco pelos portugueses das mãos da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) e com ruptura da União Ibérica.<sup>7</sup> Desta maneira, pretendemos entender a complexa relação entre mobilidade social, comércio, circulação e poderes na capitania de Pernambuco e no Atlântico com a proposta de elucidar como a elite ibérica se conectou através das teias comerciais para tirar proveito financeiro utilizando as guerras e a soldadesca. Pretendemos investigar também como essa complexa relação de interesses e de assuntos contribuíram na circulação da elite na Europa e no Atlântico conforme a perspectiva da linha de pesquisa “Norte-Nordeste Mundo Atlântico”.

É importante perceber que existe um fio tênue entre comércio, religião e guerra no século XVII, em especial, as conexões de interesse da elite pelo lucro mercantil e suas possibilidades de aproveitamento político. Neste emaranhado de questões estão os *Chatins*, soldados que conciliavam a atividade militar com o comércio paralelo no sonho da fortuna potencial em detrimento dos serviços a *El Rei* e da nação.<sup>8</sup> Não fugiram dessas tramas, religiosos como o padre Manoel de Moraes, conforme demonstrou o historiador Ronaldo Vainfas no livro *Traição*<sup>9</sup>, que trata da história de um jesuíta nascido em São Paulo no final do século XVI. O padre foi missionário em Pernambuco e teve sua vida profundamente alterada no contexto da guerra contra os neerlandeses em Pernambuco no ano de 1630 e sua história nos leva a um diálogo com outros temas do período como a resistência, o casamento, o trabalho, o abandono da fé (religião), o medo da inquisição e das bruxas.

O interesse pela temática surgiu durante o Mestrado em História Social da Cultural Regional, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE, com o projeto defendido através da dissertação: *O Teatro da Guerra e a Invenção do Brasil Holandês: o esforço das duas coroas na retomada pela capitania de Pernambuco, de 1630*

---

<sup>6</sup> (SOUZA, 2012: 26) (RUSSEL-WOOD, 1996: 144-145)

<sup>7</sup> Com a morte do Rei Português D. Sebastião e de seu sucessor, o cardeal D. Henrique, aconteceu a formação da União Ibérica de 1580 até 1640, com a Espanha passando a governar Portugal e suas colônias.

<sup>8</sup> (SOUZA, 2012: 82); (MIRANDA, 2011).

<sup>9</sup> (VAINFAS, 2008).

a 1654, projeto financiado com bolsa pela FACEPE.<sup>10</sup> Dentre a documentação que encontramos no Arquivo Geral de Simancas estão pareceres e cartas da Junta de Socorro para a Guerra de Pernambuco,<sup>11</sup> junta esta composta por nomes influentes que auxiliavam as cortes de Lisboa e Madri, entre eles estavam condes, duques e marqueses como Don Jorge Mascarenhas, o Marquês de Montalvão, que chegou ao Brasil trazendo da Espanha entre outros títulos o de restaurador de Pernambuco,<sup>12</sup> chegando a ser também Vice-rei e Capitão-geral de Terra e Mar do Brasil, substituindo Jorge Mascarenhas, Diogo de Castro, conhecido como Conde de Basto, que chegou a ser governador de Portugal por duas vezes quando foi substituído por Dona Margarida de Sabóia, a Marquesa de Mântua, que tanto aparece na documentação do Arquivo Histórico Ultramarino<sup>13</sup> e o Duque de Villa Hermosa, que foi presidente do conselho de Portugal em 1633.<sup>14</sup>

Para o historiador Francisco Adolfo Varnhagen, muitos que compunham essa junta eram os “responsáveis em liderar e organizar as forças políticas capazes de obter recursos para retomar o Brasil da WIC” embora não tenham conseguido.<sup>15</sup> É importante ressaltar que muitas dessas trajetórias e participações tinham características, interesses e rostos diferentes, portanto caminhos distintos, mas que dialogam com a circulação de indivíduos no Atlântico Sul. Seja para a elite seja para os soldados mercenários a guerra poderia ser um caminho para se obter postos e títulos.<sup>16</sup>

Escolhemos como corte temporal o período inicial da presença da companhia comercial neerlandesa na capitania de Pernambuco em 1630, que notadamente teve uma

---

<sup>10</sup> (VIEIRA, 2011: 181)

<sup>11</sup> Em nossa dissertação dedicamos um capítulo a analisar a Junta de Socorro para a Guerra de Pernambuco que compunha parte da elite ibérica. A Junta de Socorro para a Guerra de Pernambuco foi criada para tomar decisões e representar a coroa Espanhola, e as decisões de o *El Rei*, a respeito da guerra contra a Companhia das Índias Ocidentais (WIC) em Pernambuco. Dediquei parte do segundo capítulo da dissertação, chamado a Junta de Socorro para a Guerra de Pernambuco no capítulo A tentativa de retomada da capitania de Pernambuco, da dissertação a analisar um pouco o papel da Junta e suas decisões a respeito da Guerra. (VIEIRA, 2011: 63)

<sup>12</sup> (MELLO, 2000); (VIEIRA, 1609: 390) (VIEIRA, 2011: 181)

<sup>13</sup> No fundo *Secretarias provinciales* datado de 1524 do Arquivo de Simancas está códice apenas com cartas sobre o Brasil assinadas por Diogo de Castro Forte. Este material encontra-se comigo em forma de microfilme que posteriormente foi digitalizado. Refiro-me ao *Livro em que se lanção as cartas que o senhor D. Diego de Castro escreve a várias pessoas e despachos sobre o socorro do Brasil*.

<sup>14</sup> (MELLO, 2000: 390).

<sup>15</sup> (VARNHAGEN, 2002: 102).

<sup>16</sup> (RAMINELLI, 2012: 19) . O historiador Ronald Raminelli coloca que esse era um dos caminhos mais seguros para se obter postos e títulos, nós compartilhamos em parte no sentido de que era um caminho possível (no campo da possibilidade e verossimilhança), mas não necessariamente um caminho seguro conforme demonstrou a pesquisa do historiador Bruno Miranda. (MIRANDA, 2011)

grande presença de soldados e mercenários para lutar na Guerra de Pernambuco, tendo o Atlântico uma grande circulação de sujeitos nesse período, além de termos evidenciado durante a pesquisa de mestrado a participação da elite ibérica na organização e estrutura da guerra, assim como no recrutamento e mantimento dos soldados. Em segundo lugar, escolhemos para finalizar o período de investigação com o fim do governo de Bernardo de Miranda Henriques a frente da capitania de Pernambuco quando assume posteriormente Fernão de Souza Coutinho em 1670. Acreditamos que essa cronologia permite investigar a vida de pessoas como Duarte Coelho em Madri, período em que parte da historiografia brasileira acredita ter fornecido o maior número de mercês, hábitos e honrarias distribuídos para os militares que serviram em Pernambuco e na Bahia pelos espanhóis e portugueses,<sup>17</sup> buscando analisar um maior número de casos envolvidos no Brasil. Dentro desse contexto anterior a Restauração Portuguesa e depois da chegada dos Bragança no trono português buscaremos dá continuidade ao estudo da trajetória de Duarte de Albuquerque Coelho na Espanha. A história de personagens como Duarte Coelho deve esta conectada com o contexto do ano de 1641 quando foi descoberta uma conspiração por parte dos partidários do rei Filipe IV de Espanha, em Portugal, para assassinar D. João IV e assim, devolver o trono a Casa dos Habsburgo que eram considerados os legítimos herdeiros da coroa de Portugal. Pretendemos estudar essas trajetórias sem ficar preso as amarras do plano individual, mas buscando percebendo as relações e conexões dos indivíduos com a sociedade do Antigo Regime nos Trópicos.

Sendo assim, o período de investigação escolhido nos permite estudar com mais profundidade primeiramente, a reação da Espanha com a perda da colônia brasileira para os holandeses, e identificar quais os valores que influenciaram o final do período filipino nestas decisões, tendo em vista que as ordenações manuelinas passaram a ter como veredicto final às ordenações filipinas.<sup>18</sup> Entendemos que esse corte cronológico também nos possibilita analisar qual foi o lugar que o Brasil exerceu na monarquia hispânica além de *locus* econômico de produção açucareira e de importância estratégica no Atlântico Sul, e por fim, nos permite pesquisar as trajetórias das elites e de soldados durante a guerra contra os neerlandeses em Pernambuco quanto no *post bellum* em uma perspectiva Atlântica.

---

<sup>17</sup> (KRAUSE, 2012: 42)

<sup>18</sup> (MEGIANI e PEREZ, 2012)

A relevância de nosso tema tem sido evidenciada nos debates em torno dos estudos do Brasil no período da União Ibérica, nos estudos do denominado Brasil Holandês e na historiografia colonial da capitania de Pernambuco, pois “continuam como um campo aberto aos investigadores”,<sup>19</sup> pois embora se tenha avançado bastante com estudos inovadores, é interessante perceber, “quanto as elites ultramarinas são ainda desconhecidas”.<sup>20</sup> Além do estudo das elites que tem se consolidado na historiografia colonial brasileira observamos que o estudo sobre os militares que lutaram no império ultramarino durante o chamado Brasil Holandês também continuam um campo fértil a ser pesquisado.<sup>21</sup> A importância de nossa temática fica evidenciada nos últimos encontros nacionais de história realizados pela ANPUH, (XXVI e XXVII Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História), bem como no V Encontro internacional de História Colonial. Pretendemos dialogar com esse trabalhos e desenvolver o tema da relação da elite na circulação da gente de guerra na perspectiva da linha de pesquisa “Norte-Nordeste Mundo Atlântico”.

Consideramos que durante o período de 1630 até 1670 a situação não foi fácil para Portugal, para Pernambuco e para os Albuquerque, em especial Duarte de Albuquerque Coelho, pois ao mesmo tempo em que tinham que defender a capitania pernambucana durante a invasão holandesa também precisa manter a relação diplomática entre as cortes de Lisboa e Madri. Nosso trabalho parte do princípio que “poder militar e poder político entremeavam-se. Neste sentido, na dimensão militar todos os capitães-mores estavam subordinados ao governador-geral, pois este exercia o supremo comando das forças militares, como capitão-general”.<sup>22</sup> Todavia, sabemos que em termos políticos (ou administrativos, como preferimos dizer moderadamente), as coisas não eram tão simples.”<sup>23</sup> O presente projeto é perpassado pela construção da historiografia que busca desnaturalizar esse tipo de generalização, pois sabemos que cada caso deve ser analisado de forma específica dentro de um contexto articulado e que entendemos que “a mobilidade social não estava acessível a todos e não foi a regra entre os homens de cor na sociedade colonial, pois tratava-se de uma mobilidade

---

<sup>19</sup> (SOUZA, 2012: 61); (RICUPERO, 2009)

<sup>20</sup> (RAMINELLI, 2012: 22)

<sup>21</sup> (MIRANDA, 2011)

<sup>22</sup> (PUNTONI, 2009: 57)

<sup>23</sup> (PUNTONI, 2009: 57)

profundamente conservadora seguindo os traços de distinção do Antigo Regime”.<sup>24</sup> Dentro da cronologia do que chamamos de Brasil Holandês o presente projeto de pesquisa, busca investigar uma questão pouco explorada pela historiografia dos pesquisadores que trabalham com o chamado Brasil Holandês, tratar da relação da elite ibérica com a estrutura da guerra, com a circulação de soldados em perspectiva atlântica e com o período posterior a restaurações, pernambucana e portuguesa. Essa elite e os soldados não desaparecem de uma hora para outra, pelo contrário precisou buscar novas formas de negócios e se articular politicamente para continuar sua trajetória, seja com as redes familiares ou com o Reino.

O exercício historiográfico requer do pesquisador um profundo diálogo entre as fontes documentais pesquisadas e o aporte teórico-metodológico adotado para o desenvolvimento de sua investigação. Esta sintonia possibilitará uma perspectiva interdisciplinar para analisar uma variedade de fontes manuscritas, tais como cartas, pareceres, decretos, despachos, panfletos, regulamentos governamentais, relatos diversos, crônicas e diários de viagens. Durante o período do mestrado utilizamos de dois principais arquivos documentais, o Arquivo Histórico Ultramarino (Portugal) e o *Archivo General de Simancas* (Espanha), onde neste último nos deparamos com dois enormes fundos documentais que possuem documentos relativos a Guerra de Pernambuco denominados *Guerra Antigua* e o *Secretarías Provinciales*. Em ambos os fundos documentais pudemos constatar que existia uma relação entre os interesses de parcela da elite na História da Guerra de Pernambuco e na circulação e organização dos militares.

No arcabouço de fontes primárias utilizaremos dos manuscritos oriundos do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), que foi legalmente criado pelo Decreto-lei nº 19869 de 9 de Junho de 1931<sup>25</sup>, servindo como importante base documental para esta pesquisa<sup>26</sup>. Este acervo esteve sempre dependente do Ministério das Colônias ou do Ultramar, mas seu acesso hoje no Brasil é possível graças ao Projeto Resgate, já que se encontram microfilmados e disponibilizados nas Universidades Federais do Brasil, onde podemos encontramos as cartas patentes e as séries documentais da Secretaria da Marinha e do Reino. Para isso utilizaremos essa documentação no Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH).

---

<sup>24</sup> (OLIVEIRA, 2007); (HESPANHA, 2010)

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.iict.pt/ahu/index.html>. Data de acesso: 04 de agosto de 2008.

<sup>26</sup> O acesso a esta documentação é possível pela realização do Projeto Resgate, que microfilmou toda documentação referente à Capitania de Pernambuco durante o período holandês.

Além da documentação do Ultramarino pretendemos utilizar para o entendimento das interações da elite na circulação dos homens de guerra no Atlântico os manuscritos oriundos do *Archivo General de Simancas*, criado como arquivo no século XVI para guardar os documentos referentes ao governo monárquico espanhol, ao que eles chamavam *Antiguo Régimen*. Durante nosso mestrado pesquisamos por quase um mês neste arquivo, utilizamos especialmente de duas séries que tratam da relação da guerra de Pernambuco e da relação diplomática com Portugal, foram: *Guerra Antigua e Secretarias Provinciales*. Os indícios sobre a relevância do Arquivo de Simancas para a história colonial brasileira já havia sido apontado por diversos historiadores. Américo Jacobina Lacombe escreveu que “apesar da centralização empreendida com a criação do Arquivo das Índias, em Sevilha, ainda restam muitas peças essenciais para a história da colonização brasileira”.<sup>27</sup> José Antônio Gonsalves de Mello chegou a afirmar que Simancas era o “mais importante centro de documentação histórica espanhola respeitante ao Nordeste brasileiro, na sua maior parte ainda por investigar pelos historiadores do nosso país”.<sup>28</sup> O Arquivo de Simancas se torna ainda mais importante para nosso estudo se pensarmos que Filipe IV em certo momento transfere-se para Valladolid ficando Simancas com o acervo deste período.

### Referências

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias diárias da guerra do Brasil 1630-1638*. Apresentação de Leonardo Dantas Silva; Prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

HESPANHA, António Manuel. A “restauração” portuguesa nos capítulos das cortes de Lisboa de 1641. In: *Revista Penélope*. 1993.

KRAUSE, Thiago Nascimento. *Em busca da honra: remuneração dos serviços da guerra holandesa e os hábitos das Ordens Militares (Bahia e Pernambuco, 1641-1683)*. Thiago Krause. Prefácio de Ronald Raminelli. São Paulo: Annablume, 2012.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Introdução ao estudo da história do Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MEGANI, Ana Paula Torres e PEREZ, José Manuel Snatos. *O Brasil na monarquia hispânica. Cultura Política, negócios e missão durante a união das coroas ibéricas e a guerra de restauração. 1580-1668*. IN: XIII Anais de História de Além –Mar. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa. 2012.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *A Pesquisa Histórica e a Universidade Federal de Pernambuco*. Recife, Imprensa Universitária, 1950. p 21. Ver também os trabalhos da Dirección General de Archivos y Bibliotecas.

---

<sup>27</sup> (LACOMBE, 1973: 25)

<sup>28</sup> (MELLO, 1950: 21); (ALVES, 1933); (TELLA, 2000)

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Templo dos Flamengos. Influência e ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Recife; Topbooks, 2000.

MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. *Gente de guerra. Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2011.

OLIVEIRA, A. J. M. de. Padre José Maurício: “dispensa da cor”, mobilidade social e recriação de hierarquias na América portuguesa. In: GUEDES R. (Org.). *Dinâmica imperial no antigo regime português: escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados: séc. XVII – XIX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. Colocar o artigo de Antônio Manuel Hespanha sobre a mobilidade social no Antigo Regime.

PUNTONI, Pedro. *O governo-geral e o estado do Brasil: poderes intermédios e administração (1549-1720)*. IN: *O Brasil no império marítimo português*. Organizado por Stuart Schwartz e Erik Myrup. Bauru, SP: Edusc, 2009. p 57.

RICUPERO, Rodrigo. *A formação da elite colonial: Brasil, c 1530-c. 1630*. São Paulo: Alameda, 2009.

SANTIAGO, Diogo Lopes. *História da Guerra de Pernambuco*. Apresentação de Leonardo Dantas Silva; Prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

SOUZA, George F. Cabral de. *Tratos & mofatras: o grupo mercantil do Recife Colonial*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

TELLA, Roseli Santaella. *Brasil durante el gobierno español, 1580-1640*. Madrid: Fundación Hernando de Larramendi: 2000. Pág XXX.

VAINFAS, Ronaldo. *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil Holandês processado pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.

VIEIRA, Hugo Coelho. *O teatro da guerra a invenção do Brasil Holandês: o esforço das duas coroas na retomada pela capitania de Pernambuco, de 1630 à 1635*. 2011. 181 p. Dissertação (Mestrado em História em História Social da Cultura Regional). Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional, UFRPE, Recife, PE, 2011.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Visitação de Nossa Senhora, pregado na chegada ao vice-rei à Bahia: *Sermões: Sexta Parte*. Lisboa: 1609, p 390.